

**DO BAÚ AO ARQUIVO: ESCRITAS DE SI, ESCRITAS DO OUTRO**

Maria Teresa Santos CUNHA\*

**RESUMO:** Registros de experiências pessoais conservadas pela escrita, os diários íntimos estão, quase sempre, destinados à invisibilidade – em velhos baús, queimados ou jogados no lixo – dado seu caráter de *escritas ordinárias*. Se protegidos em acervos pessoais, conformam um corpo documental de inestimável valor como fonte histórica e podem fornecer informações e indícios sobre práticas cotidianas expressas em hábitos, costumes, valores e representações de uma época e, como tal, analisados a partir do conceito de *lugares de memória*. O conjunto de 12 cadernos/diários escritos por duas mulheres entre 1964 e 1974, preservados em um acervo pessoal, em Florianópolis, constituem a base empírica desse trabalho, pois que tais escritos permitem um dado conhecimento de como pessoas *comuns/ordinárias* registram/constroem/inventam ações da experiência cotidiana através de práticas de escrita biográfica e autobiográfica.

**Palavras-chave:** escritas ordinárias, diários íntimos, acervos pessoais, (auto)biografias

**Abstract:** Registers of personal experiences kept by the writing, the intimate diaries are, almost always, relegated to the invisibility – in old trunks, burnt or thrown away – because of their common writings. If protected in personal collections, they represent a documental body of inestimable value as historical source and they can provide information and signs of daily practices expressed by habits, customs, values and representations of a time and, so, able to be analyzed as memory places. The group of 12 notebooks/diaries written by two women in 1964 and 1974, preserved in a personal collection in Florianópolis, constitute the empiricist base of this work, for such writings allow a certain knowledge of how common/ordinary people register/create/invent actions of daily experience through practices of biographical and autobiographical writing.

**Key words:** ordinary writings, intimate diaries, personal collections, (auto) biographies

*Fontes têm historicidade: documentos que “falavam” com os historiadores positivistas talvez hoje apenas murmurem, enquanto outros, que dormiam silenciosos querem se fazer ouvir.*

(Carla B.Pinsky, 2005)

Dormindo silenciosos e quase sempre escondidos em baús e caixas, diários íntimos até pouco tempo considerados como *materiais sem importância*, agora *querem* (e podem) *fazer-se ouvir*. Usualmente mais analisados pelos estudiosos da literatura, os diários íntimos,

neste texto, serão analisados como autobiografias (escritas de si) que, publicizados<sup>1</sup> serão problematizados pelo historiador que os qualifica e os ressignifica como fonte/documento ainda pouco utilizado na nossa área de pesquisa, como alerta o historiador francês Alain Corbin:

Os historiadores ainda não mediram satisfatoriamente a difusão social de uma prática cuja análise ainda permanece como monopólio dos especialistas em literatura. Ademais, a grande fragilidade destes documentos certamente leva à subestimação de sua quantidade. Muitos indícios levam a pensar que o diário íntimo é o contraponto de muitas vidas privadas.(...)

A busca retrospectiva do eu, objeto do diário íntimo, estimula arrependimentos, aviva nostalgias, mas em um mesmo movimento, valoriza a aspiração e desperta o imaginário da construção de si.<sup>2</sup>

Produzidos e guardados, em segredo, em baús e caixas, materializados em papel e tinta, os diários eternizam, em folhas amareladas pela passagem do tempo, idéias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações de um outro tempo, elevando a significados/produzindo sentidos à ordem do existente.

Envoltos em capas artísticas ou apenas plastificadas para proteger da ação do tempo ou, ainda, simplesmente reunidos em folhas de papel comum; escritos à mão sobre si e, em geral, para si mesmo, praticados na intimidade, relatando fatos e situações com riqueza de detalhes, os diários constituem-se tanto *refúgios do eu*<sup>3</sup>, como repositórios de lembranças. Considerados, até pouco tempo, como forma típica de escritura feminina desde que as mulheres conquistaram o direito à alfabetização, nos finais do século XIX, esta escrita atinge, na atualidade, ampla repercussão social, política e cultural e já é possível ampliar sua abrangência pelo despertar de outros diários, até masculinos<sup>4</sup>. Neles, a visão do sujeito *comum/ordinário* adquire importância e as ações da experiência cotidiana estão sendo cada vez mais valorizadas, já que a conjuntura atual testemunha uma volta do eu significativo, visível pela profusão de escritos biográficos e autobiográficos.

Escrito ao longo dos dias, o objetivo da escrita de diários parece ser o de apresar em suas páginas o passar do tempo, ainda que de forma fragmentada e com a ausência de elaboração prévia: uma escrita, enfim, que registra o efêmero, o descontínuo e por esse motivo chamada de *escrita ordinária*.<sup>5</sup> Ele pode absorver em suas páginas tanto os grandes como os pequenos acontecimentos sem nenhuma ordem previamente estabelecida, salvo o que lhes impõe a passagem cronológica do tempo, daí dizer-se que um diário (cuja frequência de escrita, paradoxalmente, não precisa ser necessariamente diária) não existe fora da gravitação que lhe impõe o fluir do tempo.

### O historiador e os diários: presença como fontes/cuidados

O que buscamos nós, historiadores, nesses materiais? Inicialmente, considerando os diários íntimos como fontes históricas, na chave de documentos memorialísticos, que são produzidos por práticas de escrita (auto) biográficas e nos fornecem indícios para compreender outros tempos. Geram, pela leitura, um conhecimento sobre o passado recente da nossa sociedade, estimulado por uma reflexão sobre o presente e marcado por certa prudência, como recomenda o historiador Roger Chartier:

“Tenho sempre uma certa prudência com questões pessoais. Acho que, quando a gente fala de si, constrói algo impossível de ser sincero, uma representação de si para os que vão ler ou para si mesmos”.<sup>6</sup>

Mesmo observando-se esta recomendação, é inegável o valor dessas fontes que, ao *despertarem dos silêncios das caixas e baús*, autorizam o historiador a considerá-las em seus traços descontínuos, como indícios dos modos de fazer e compreender a vida do dia-a-dia. Considerando-se a escrita como ferramenta de uso social, estes testemunhos (auto) biográficos são atos de memória que dão ensejo a percepções/representações de um tempo. Ainda como reduto de sensibilidades, os diários íntimos, na qualidade de fontes históricas, prestam-se a um processo de interpretação, uma vez que comportam o simbólico podendo-se, através deles, compor histórias. Laços, fios e nós entre os indivíduos vão, pela narrativa, formando tecidos, malhas, redes, história de encontros, de desencontros, de proximidades, de distâncias perceptíveis.

Valorizar as ações da experiência privada, a partir da junção de fragmentos e do recolhimento de vestígios e indícios, tem sido um instigante desafio para o historiador, e esta prática criou condições para que o ínfimo, o esquecível, o indiferente detalhe fosse, enfim, redescoberto, visitado, legitimado como *fonte e acontecimento* na pesquisa histórica. Em recente estudo, a historiadora Ângela de Castro Gomes registrou este interesse pela escrita (auto) biográfica, ao escrever:

“Um breve passar de olhos em catálogos de editoras, estantes de livrarias ou suplementos literários de jornais leva qualquer observador, ainda que descuidado, a constatar que, nos últimos 10 anos, o país teve uma espécie de boom de publicações de caráter biográfico e autobiográfico. É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos - uma escrita de si -, que abarca diários, correspondências, biografias, autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo”.<sup>7</sup>

Confidentes fiéis companheiros das horas de intimidade, os diários converteram-se, para determinadas mulheres, em um instrumento eficaz de apropriação da palavra e criação de um discurso, constituindo-se, ao mesmo tempo, em modos de conhecer e de se fazer conhecer; eles são práticas sociais que partilham, também, da construção da história de indivíduos que se inventam pelas práticas de escrita de si, ou seja, partilham da constituição de um regime de sensibilidades. Neste conceito, pode-se considerar que o diário “*é uma escritura essencialmente de dentro, onde os sentimentos, as sensações internas ocupam um grande lugar, uma escritura que rejeita uma organização formal, uma escritura essencialmente do registro do descontínuo, do efêmero*”<sup>8</sup>.

São, enfim, os diários uma forma privilegiada de inscrição autoral, reinventada na surdina e cujo acesso, hoje, funciona como uma das fontes para um certo conhecimento das maneiras de viver e pensar de determinada época. Expondo *quinquilharias* e relíquias da memória familiar e grupal de seu tempo, o trabalho com este material torna possível, ao historiador, conhecer outros detalhes de acontecimentos sociais, culturais e políticos de uma época. Se o diário é ancorado na memória individual, esta é dada a ver pela linguagem e cabe, ao historiador, enraizá-la/problematizá-la no rol das experiências sociais, para que cada memória pessoal possa ser vista e estudada como uma perspectiva da memória coletiva.

Por todos esses motivos o diário pode ser um dos recursos mais importantes para a expressão, o cultivo e a auscultação do íntimo onde se pode guardar e velar aquilo que constitui uma das facetas mais preciosas da identidade que é a própria intimidade. Os dois conjuntos de diários analisados neste trabalho falam dessas fantasias, projetos, idéias, reflexões, frustrações, medos e sofrimentos, ou seja, aqueles atos internos, que escapam aos outros e cujo acesso lhes está vedado materialmente. O cotidiano, por mais banal e *ordinário* que seja, é positivado pelas ninharias que o compõem e deslindam variados ritos das manifestações civilizatórias que abrangem o íntimo, o privado e o público, mas também o político, o cultural, a cor e as vicissitudes de uma época.

“O íntimo, o privado e o público são três espaços distintos na esfera de atuação humana, sem separação entre eles, pois que na prática estes três âmbitos se entrecruzam. Se no espaço público residem e são observáveis os comportamentos sociais, no privado poderíamos situar os interpessoais e no íntimo se localizam aqueles atos ou idéias que são inobserváveis no entre si”<sup>9</sup>

Estudos já empreendidos permitem afirmar que uma significativa produção de diários íntimos (notadamente femininos) coincide com a ascensão política e social da burguesia e com o conseqüente desenvolvimento da vida nas cidades. A casa *burguesa* com seus espaços individualizados, em especial com o favorecimento de um quarto próprio, criava um refúgio

para a intimidade e foi uma condição material que permitiu e estimulou a escritura do diário, aliada aos progressos da alfabetização feminina a partir do século XIX. A afirmativa de que esta é uma prática de escritura de mulheres “burguesas” pode ser levantada quando se sabe que, em contrapartida, as mulheres das classes populares não escolarizadas ficavam, em geral, excluídas dessa prática, pois careciam de condições materiais e até residenciais que lhes garantissem maior intimidade ou isolamento.

Convém ressaltar o fato de que escrever diários, entre as jovens burguesas do século XIX, visava também, preencher certo *vazio existencial que se lhes abria ao final da infância até a idade de casar-se*<sup>10</sup>. Por receberem pouca ou mesmo nenhuma formação profissional e sendo-lhes mais difícil aspirar a um trabalho, elas ficavam mais resignadas à espera do casamento. Além disso, o diário servia para prolongar o aprendizado da escritura. Através dele, as escreventes interiorizavam normas sociais e aprendiam um certo domínio sobre si mesmas, mas parece consensual o fato de que poucas mulheres continuassem o diário depois do casamento<sup>11</sup>.

Com relação ao encerramento da escrita pessoal após o casamento, um dos diários analisados neste trabalho parece confirmar, já no século XX, esta prática. Encerrando seus escritos, em 1974, L., uma das autoras, registra:

*Dia 30 de maio de 1974  
Daqui a pouco vou me casar com C. (são 7h30 min) e o meu  
casamento será às 10 horas. Nova vida. Novo diário? O tempo  
passou. Mudei de nome. Sou agora L.C. Tenho ainda 21 anos!  
(Diário de L.)*

As grandes mudanças sociais e culturais levadas a efeito ao longo do século XX, em especial na segunda metade do século, permitem conjecturar que as práticas escriturísticas de diário, nas bases instituídas e praticadas no século XIX, tenham diminuído, mas os estudos ainda não fornecem dados suficientes para uma afirmação tão categórica. O aumento do número de *blogs* pessoais na Internet é crescente. Os estudos de Zahidé Muzart<sup>12</sup> sobre os diários de mulheres no final do século XX, na Internet, registram esta tendência em que o escrever um diário não é mais um ato meramente solitário, mas passa a ser absolutamente gregário. Escreve-se para se dar a ver, um ato próximo ao exibicionismo.

A autora transcreve um trecho muito significativo encontrado em um sítio<sup>13</sup> disponível à visitação na rede onde é possível ler mais que uma definição de diário, uma análise que reencontra as principais características deste gênero de escrita:

“Como definir o diário? Parece fácil... As razões e os motivos variam tanto que é quase desesperante dar-lhes uma idéia completa. Em primeiro lugar, um diário se escreve ao sabor do

tempo, é muito diferente de todas as autobiografias, memórias e outras parentes próximas do gênero. O diário é observado dia a dia, mais ou menos escrupulosamente é sempre uma representação *em direct* e ao vivo da vida. (...). Ter um diário íntimo é também muitas vezes bastante difícil.

É uma atividade que exige uma certa disciplina, que ordena a vida. Eu gosto de mostrar os dois lados da medalha. Pessoalmente, o que me anima é uma mentalidade que eu qualificaria de “arquivista” e de colecionadora. (...) Ter um diário é uma maneira de colecionar os dias (...). Colocar-se no papel cotidianamente é também uma maneira de se colocar a nu e se decifrar o interior, sem ter a pagar uma terapia.

Notemos que muitos o utilizam para fins terapêuticos. Passa-se a vida a se buscar, a se descobrir. O diário age assim como o testemunho desta busca de si. Alguns relêem seus diários e se surpreendem com o que escreveram. Outros não compreendem mais nada. (...) Um diário é uma encenação, uma forma de representação de si. Nós somos o personagem principal de nosso diário. Nós temos às vezes a tendência a escrever as coisas não como elas são mas como deveriam ser. Escreve-se para embelezar ou dramatizar a vida, para lhe dar um sabor novo. O diário é, muitas vezes, um dos últimos refúgios do sonho”.

Ora, se mudaram os suportes da escrita (do papel para o registro na tela do computador), se mudaram as formas de visibilidade (do baú secreto para a internet pública); as funções que ao *blog* se destinam registram uma permanência de sentidos em que a escrita de um diário representa uma nova voz de aproximação e um território para as subjetividades, representa um espaço que tem funções terapêuticas, além de éticas e estéticas. Graças a escrita íntima, o autor se explica e se constrói a si mesmo, confronta-se com seus projetos de vida, suas escolhas, suas prioridades que são fixadas por ele mesmo ou que se impõem pela educação. O passado e o presente de um indivíduo confrontam-se pela escrita e “*é a própria alma que há de se constituir naquilo que se escreve*”<sup>14</sup>.

Dessa forma, os diários, como práticas de escrita de cunho social, são atravessados pelas tensões do mundo em que se inserem e tornam-se imprescindíveis para um maior entendimento da construção de subjetividades. No âmbito dos estudos culturais, pode-se pensar a escrita diarística/autobiográfica como “*territórios de produção, circulação e consolidação de significados, são espaços privilegiados de concretização da política cultural de identidade (...) um movimento das margens para o centro*”<sup>15</sup>. Mesmo que sejam territórios de produção de significados e/ou sentidos, no trato com esta espécie de fonte convém, ao historiador estar informado/alerta para o que Pierre Bourdieu<sup>16</sup> escreve sobre a *ilusão biográfica*. Bourdieu critica esse tipo de narrativa em que a vida é tratada como uma trajetória de coerência, como um fio único, quando é sabido que, na existência de qualquer pessoa, multiplicam-se os azares, as causalidades, as oportunidades. Com relação aos usos destes materiais no conjunto de escritas de si e do outro (autobiografias e biografias), este aspecto foi comentado por Chartier, em recente entrevista, na qual ele aconselhou aos historiadores que

trabalham com estes documentos/fontes a “evitar cair nesta dupla ilusão: ou a ilusão da singularidade das pessoas frente às experiências compartilhadas ou a ilusão da coerência perfeita numa trajetória de vida”<sup>17</sup>.

### **O historiador e os diários: pesquisas atuais**

Nas últimas décadas, o crescente interesse pelo estudo das formas confessionais plenas de experiências de vida pessoal e familiar ressignificou o trabalho com esse material. No Brasil, na França e, especialmente na Espanha, estudos têm se destacado. Os trabalhos de Marina Maluf<sup>18</sup>, Maria José Motta Viana<sup>19</sup>, por exemplo, analisam em diferentes óticas a relevância de narrativas voltadas “para dentro”, celebrando a relação profunda da memória com as experiências vividas em uma dimensão mais ampla. Na França, com mais tradição nessa área, além dos trabalhos de Philippe Lejeune<sup>20</sup>, encontram-se mais recentemente os estudos feitos por Roger Chartier<sup>21</sup>, Daniel Fabre<sup>22</sup> e Verena von der Heyden-Rynsch<sup>23</sup> que colocam em evidência os escritos íntimos. Na Espanha, merece registro o trabalho já citado de Manuel Alberca<sup>24</sup> e António Viñao<sup>25</sup> que elegem como tema a questão da cultura escrita de cunho privado e público. Na Argentina, por sua vez, os estudos de Leonor Arfuch<sup>26</sup> muito têm contribuído para um avanço nas pesquisas na área. Segundo ela uma história da subjetividade moderna é impensável sem o auxílio dos atos autobiográficos visto que:

“El diario íntimo promete en cambio la mayor cercanía a la profundidad del yo. Una escritura desprovista de ataduras genéricas, abierta a la improvisación, a inúmeros registros del lenguaje (...) El diario cubre el imaginario de libertad absoluta, cobija cualquier tema, desde la insignificancia absoluta a la iluminación filosófica, de la reflexión sentimental a la pasión desatada.”<sup>27</sup>.

Para este trabalho, foram utilizados dois conjuntos de diários escritos, entre os anos de 1964 e 1974, por duas mulheres, residentes em Florianópolis (SC), doravante identificadas como L. e V. Este material, composto de doze (12) cadernos, não só registra fatos do cotidiano – *mil nadas* - dessas jovens entre os 14 e os 22 anos de idade, trazendo informações muito significativas sobre o momento político e a forma como o mesmo foi experienciado (e conseqüentemente representado, por meio da escrita) na vida escolar das protagonistas, mas também cria oportunidades para estudar aspectos cotidianos das experiências vividas no período. Se o cotidiano é, por essência, um espaço banal, um local dos *mil nadas*, os ritos que o compõem podem ser conhecidos e estudados como representações<sup>28</sup> de uma época na qual se pode iniciar uma busca do tempo que suas autoras quiseram salvar do esquecimento.

Estudantes do curso normal (magistério) entre 1967 e 1969, as autoras eram, à época, jovens urbanas, provenientes das camadas médias da população. O registro diário de sua vida *ordinária/miúda* foi preservado em álbuns e cadernos escolares que fazem parte do acervo pessoal da articulista. Seus escritos inserem-se na abrangência de *escritas ordinárias*<sup>29</sup>, aquelas que, igualmente, “*dão notícias de experiências pessoais ou coletivas vividas diretamente pelos(as) autores(as) dos textos*”<sup>30</sup>.

A posse desse material permitiu buscar traços de como foram representadas, pela ótica de duas jovens, as vivências de momentos importantes da vida nacional e suas repercussões na cidade. Considerando-se 1968 como um ano emblemático pelo quadro de acontecimentos que ocorreram, tanto internacional (o movimento estudantil e operário em Paris) como nacionalmente (o golpe militar e a edição do AI nº 5 de 13 de dezembro de 1968) e que foi precedido de intensa agitação política estudantil, nos dois países, parece importante mostrar como tais acontecimentos foram vividos em Florianópolis, cidade considerada *pacata*, notadamente nesse período que mereceu muitos estudos e foi descrito, por exemplo, como:

“Fragmentos de utopias, centelhas de racionalidade, fulgores do desejo criações, demônios e exorcismos foram soltos pelas ruas deste mundo de 1968, investindo gesto em situações públicas e privadas ou reanimando-se às escondidas em clandestinidades de variados matizes. Muita besteira prática e teórica também ocorreu naqueles tempos. Tempos também de sofrimento e de grande entusiasmo. (...) mas, por volta de 1968, idéias e práticas interessadas em transformar alguma coisa foram como que elevadas a altas temperaturas sociais, cintilando umas para as outras num ardente faiscar de tentativas simultâneas”<sup>31</sup>.

O desejo, aqui, é evidenciar que a cidade, participou ativamente das manifestações contrárias ao regime militar e que isso também ficou registrado em escritos íntimos de duas adolescentes, escritos que ficaram registrados em papéis que costumam ser deixados de lado e que são, geralmente, destinados ao fogo e/ou ao lixo.

A análise desse material, aparentemente negligenciável, segue o princípio de que a escrita é, também, uma invenção e nesta perspectiva o historiador

“...também pode utilizar-se da imaginação, desde que esta seja explicitada ao leitor enquanto tal e balizada pelas fontes disponíveis (...) e que nos trabalhos históricos, os momentos de invenção precisam ser sempre sinalizados para o leitor através da utilização de expressões como provavelmente, ‘talvez’, pode-se presumir, etc”<sup>32</sup>.

Escrever nos seus diários parecia ser, para aquelas duas jovens, uma forma de viver, mas a abordagem aqui feita caminha, também, para a possibilidade da invenção acima

apontada até porque os sujeitos aqui mostrados são em si mesmos entrecruzamentos de relações às quais estão ligados, quer pelos significados já dados aos fatos citados, quer pelos significados que eles agenciam e narram.<sup>33</sup> Enfim, é forçoso reconhecer que de sua leitura emerge, para o leitor, um minucioso painel da cidade de Florianópolis – capital do Estado de Santa Catarina - nos terrenos público e privado.

### **O historiador e os diários: exemplos de aproximações com os discursos**

Uma das autoras, identificada neste texto por V., inicia seu diário no dia 14 de agosto de 1964, uma sexta-feira. Tem 15 anos de idade e faz o registro movida por dois acontecimentos: ganhou de uma tia um álbum pequeno, com capa perolizada, ostentando um ramallete de cravos vermelhos, em cuja capa se lê *Meu Diário*. Parece ter sido movida a escrever diariamente pela leitura de um livro, muito comum em bibliotecas, destinado a jovens católicas dos anos 60 do século XX, chamado *O Diário de Ana Maria*, de autoria do padre francês Michel Quoist<sup>34</sup>.

Ecos da religiosidade católica pregada e exercida na casa e na escola aparecem freqüentemente nos registros pessoais/íntimos dos diários em estudo e marcam as etapas da vida de jovens católicas preenchidas pelo registro das missas assistidas, dos rituais de batizado e casamento na família, das datas religiosas consagradas, das orações e dos santinhos, muitos deles objetos-relíquia esquecidos nas páginas dos diários. Nesse gênero narrativo, embora a ênfase recaia sobre o universo das experiências privadas, é possível encontrar nas classes médias aspectos do mundo público do período dominado por um *ethos* católico, no limite uma experiência geracional!

Do Diário de V. as anotações são inúmeras e permitem inferir um tempo marcado pelas festas da Igreja. Alguns exemplos:

*Sábado, 15 de agosto de 1964 (Assumpção - dia santo)  
Comecei mal o dia, não fui á missa das 8h. de branco.*

*Domingo, 10 de outubro de 1964  
Missa das 8h, de branco, comunhão geral.*

*Domingo, 24 de dezembro de 1967  
Natal! Que dia fabuloso! Levantamos em cima da hora e a missa já estava no ofertório. Comunguei.  
O almoço foi animado com conversas e debates. A noite fomos à missa todos juntos. Na volta, cantamos Noite Feliz! Trocamos presentes e cartões. Estou em paz com o Senhor!*

No Diário de L. as referências religiosas são mais breves no que diz respeito ao cumprimento dos rituais católicos. Mas, a presença da religião está assegurada pela internalização de uma linguagem piedosa, pelas invocações freqüentes aos santos e a Deus:

*Sábado, 06 de maio de 1967  
Hoje, graças a Deus, passei um dia feliz!*

*Terça-feira, 09 de maio de 1967  
Começo novamente a novena para Santa Teresinha*

*Quarta-feira, 28 de junho de 1968  
Na aula de didática fizemos um debate sobre Divórcio. Dona G. é a favor dele. Eu e muitas outras somos contra.  
Eis, em síntese, meu argumento: Eu acho que os homens não podem separar aquilo que a lei de Deus uniu, ademais, existem o namoro e o noivado que, ao meu ver, são uma preparação para o casamento".*

O dia de Natal e o dia de Ano Novo são descritos, nos dois conjuntos trabalhados, como ícones de todos os prazeres familiares em que a família reunida se retempera para os revezes e alegrias da vida que prosseguirá. Os registros diarísticos fornecem informações detalhadas sobre a dieta a ser consumida na ceia natalina e sobre a troca de presentes que configuram uma singeleza na qual objetos simples têm a primazia e a *modernidade* se insinua sob a forma de toca-discos, rádio de pilhas, discos de vinil, telegramas, roupas tecidas em fios sintéticos, utensílios de plástico, objetos de uso pessoal como perfumes, talcos, anáguas, pó-de-arroz, utensílios para maquiagem, cintas-liga, etc. O pequeno/grande mundo de objetos descritos pode ser interpretado não só como rótulos de adorno e pertença, mas como uma sensibilidade que marca a sociedade industrial em ascensão e contribuem para conhecer esse mundo...

*25 de dezembro de 1964  
Voltei da Missa do Galo. Ganhei muitos presentes: 1 vestido de nycron, 1 slack preto helanca, 1 corpete, 1 anágua, 1 sabonete, um perfume Promessa.  
(Diário de V.)*

*Quarta-feira, 25 de dezembro de 1968  
A maior surpresa tive hoje ao receber um telegrama do meu amor, que colarei aqui.  
Ganhei um corte de tergal para uma saia, um disco do Roberto Carlos e uma cinta-liga. Adorei!  
(Diário de L.)*

L, outra das autoras, inicia a redação de suas memórias em 2 de outubro de 1966, um domingo, e também faz referências ao *Diário de Ana Maria*. Seu objeto de registro é um

caderno encimado pelas palavras *Meu Diário*. Por tratar-se de um caderno escolar, a última capa traz uma cópia do *Hino à Bandeira*. Nesse período, em que o país vivia sob o signo da ditadura militar, os cadernos populares traziam hinos cívicos, indícios de um projeto político que colocava a escola como formadora e estimuladora do patriotismo e do nacionalismo.

O início do ano de 1968 é registrado por L, aos 16 anos, de forma prosaica. É narrado como um dia festivo, com promessas de melhoras e uma listagem das quinze (15) músicas mais tocadas nas rádios da cidade. Há aqui um gosto musical explícito e uma certa preocupação em mapeá-lo a partir de uma predominância de músicas nacionais.

*“Segunda-feira, 1º de janeiro de 1968.*

*Mais um ano se passou. Um ano com todos os seus dias e horas, acontecimentos e vida. Espero com confiança que o novo ano traga paz saúde e amor. Que o Brasil esteja bem... anda feio! As músicas classificadas foram 15: 'O bom rapaz' (Vanderlei Cardoso); 'A praça' (Ronnie Von); 'Coração de Papel' (Sérgio Reis); 'O meu grito!' (Agnaldo Timóteo); 'Bus Stop' (Rolling Stones); 'A namoradina de um amigo meu' (Roberto Carlos); 'Disparada' (Jair Rodrigues); 'Eu te amo mesmo assim' (Martinha); 'Maria, carnaval e cinzas' (Roberto Carlos); 'Gina'; 'See you in September'; 'Coisinha Estúpida'...”*

Embora a seleção musical possa merecer outros estudos (as músicas, em sua maioria, eram nacionais!), o que se destaca aqui é o breve registro de que o país *anda feio*. Não há, aqui, ainda nenhum indício do que isso poderia significar, mas o prosseguimento das anotações, ao longo desse ano de 1968, vai evidenciar outras formas de compreender como as pessoas comuns vivenciavam acontecimentos.

V. por sua vez, nesse primeiro dia do ano de 1968, aos 17 anos, conta fragmentos de sua vida cotidiana, nos quais se puderam notar as condutas corriqueiras que não apontam para qualquer sentido mais ‘politizado’, o que leva à interrogação: Esta vida cotidiana tão porosa não parece evidenciar que, independente de ditaduras e guerras, vive-se, têm-se desejos, e que a aventura do pensamento exige uma multiplicidade de registros? Dos mais banais, aos mais profundos, dos mais íntimos aos mais públicos...

*“Segunda-feira, 1º de janeiro de 1968 .*

*Dia típico de verão: sol maravilhoso. Comunguei na missa das sete. Vi Carmen Lúcia. Ela está noiva. O noivo é um super-pão. Ontem fui dançar ao som de 'Alegria, Alegria' de Caetano Veloso... Linda... Gosto da parte: O sol se reparte em crimes, espaçonaves, guerrilhas. Será?... Bendito dia 1º de janeiro de 1968”.*

Considerando-se que a música de Caetano Veloso era uma forma poética de protesto, importa considerar que V. a registra, duvida da afirmação expressa em sua letra e arremata

bendizando o primeiro dia do ano de 1968, não sem antes registrar, em 31/12/1968, que em meio aos preparativos do Ano Novo como “bordar o vestido de festa, aplicar unhas postiças e pintar os olhos”, há tempo para registrar ao final do dia que “no cenário político a BOMBA é a cassação do Carlos Lacerda”. (Diário de V.)

A partir desses registros pode-se, para além do anedotário que este material é capaz de provocar, tentar compreender um capital de vivências no quadro de uma memória pessoal, um território de subjetividades, que vai sendo construído e contado nos dias simples. Mas, ao articular-se com outros documentos pode, por contigüidade, construir uma narrativa do vivido. Os registros fornecem indícios de como as autoras praticam significações, trazendo as marcas do período em estudo. Assim, parece correto inferir que L. e V. constroem-se cotidianamente em uma rede de relações e escolhas, afirmando seus afetos no contraditório jogo de forças que a vida social lhes impõe.

Já em abril de 1968, V. faz um longo registro sobre a situação política e escolar e é aqui que o relato pode constituir-se em mais um elemento que permite conhecer como esta fase foi vivenciada tanto pela autora, como pela cidade. Ela relata:

*“Terça-Feira, 2 de abril de 1968*

*O Instituto de Educação está em greve. Tudo por causa da morte no Rio de Janeiro de um estudante secundarista: Edson de Lima Souto. O rapaz foi assassinado quando protestava contra as más condições da comida do Restaurante Calabouço e também contra a ditadura do atual governo e o imperialismo americano no Brasil. Hoje a passeata foi aqui, embora com chuva tinha bastante gente. Avistei a Stella, professora de geografia. Onde andarão as outras? Havia poucas professoras. Quando eu for maior de idade e professora eu vou. Acho legal! Quero ser professora com P. maiúsculo”.*

Ao salientar a ausência de professoras/mulheres no evento político e contestatório podem-se encontrar subsídios para uma maior compreensão da vida na cidade naquele período. São contribuições à História que se fazem em outros registros, para além dos tidos como convencionais, e permitem perceber uma movimentação no período, mais que o fato privado relatado – a ausência da protagonista na passeata, registrando-se aqui o fato público – havia poucas professoras. De igual maneira, a anotação sobre o assassinato do estudante aponta para uma conexão com os acontecimentos nacionais. O texto citado parece bastante esclarecedor do que essas vozes, ainda que tímidas, significam: elas são promotoras da visão da diferença; elas existem e não podem ser perdidas para a História.

No mesmo período – o conturbado ano de 1968 – o Diário de V. continua a contar seu dia-a-dia:

*“Segunda-Feita, 16 de setembro de 1968*

*O Instituto parece que vai ficar em greve. O Grêmio e os alunos unidos pretendem acabar com a média 8,5. A falta de professores e melhores condições de ensino, eis os dois pontos pelos quais lutamos. Hoje perdemos a 4ª aula. Houve comício e passeatas dos alunos em volta do estabelecimento. Voltei e ainda deu tempo para assistir a última aula.*

*Aposto que amanhã, as gurias que não assistiram aula vão me chamar de CAXIAS, PUDICA. Fazer o que? Não posso perder tempo. Preciso formar-me para trabalhar”.*

Falta de professores e melhores condições de ensino parecem ser reivindicações permanentes na educação brasileira. Passados quase 40 anos das anotações de V. observa-se que o seu discurso mantém um caráter de atualidade. No trecho destacado a protagonista se inclui como participante do movimento grevista ao escrever na primeira pessoa *pontos pelos quais lutamos*, mas coloca em evidência, igualmente, suas preocupações com os estudos, com seu futuro trabalho e com a opinião das colegas. Em suas frases pode-se ler, ainda, um certo clima de normalidade – *voltei e assisti à última aula* – veiculado em sua escrita. Uma normalidade que, sabe-se, a sociedade brasileira do período estava longe de experimentar. Seu texto indica mais um tempo de preparação para a vida profissional – *preciso formar-me e trabalhar* - do que uma participação mais efetiva nas demandas do período.

Entretanto, a mesma personagem, em 1969, faz o seguinte registro que evidencia o investimento escolarizado nas práticas de civismo durante este tempo:

*"Terça-feira, 2 de setembro de 1969.*

*Chegou setembro. O sol brilha mais forte; as aves cantam mais alegres. Tudo sorri!*

*Que mês bonito! Logo a primavera estará sorrindo! Mostrando a todos como a vida é bela e como Deus quer beneficiar o homem.*

*Todo o Brasil exulta pois entramos na Semana da Pátria.*

*O Instituto todo dia saúda a Pátria com o hasteamento da Bandeira e cantamos o Hino Nacional todas juntas.*

*É maravilhoso! Despertamos para o sentimento cívico”.*

*(Diário de V.)*

### **Arquivar/guardar para não esquecer**

Um baú<sup>35</sup> é sempre um objeto interativo: se fechado, conserva, guarda, preserva; se aberto, anuncia, mostra, dá a ver. Diários íntimos, guardados, preservados em baús são vidas escritas que no tremor ou na firmeza das mãos trazem traços de memória marcados,

rasurados, recriados, inventados, reinventados. Encontrá-los não é tão raro como se pensa, embora perdidos nos labirintos dos arquivos, muitos materiais dessa natureza permanecem guardados como objetos-relíquia<sup>36</sup>. Estas escrituras compõem, algumas vezes, arquivos pessoais de personagens ilustres, documentos que permanecem que resistiram ao tempo, à censura de seus titulares e à triagem das famílias, mas no mais das vezes estas escritas continuam encerradas em velhos baús ou em caixas de papelão. São as *escritas ordinárias* que, produzidas em geral na mocidade, expressam tanto a vontade de forjar uma glória como o desejo de guardar os momentos mais significativos. Umas tratam de momentos solenes, ocasiões especiais, fatos públicos, militância política. Outras trazem os laços de afeto, o processo de construção de trajetórias, o refinamento de uma idéia ao longo de rascunhos e textos.

Veza por outra, em determinadas situações de vida, estes documentos são relidos, rasgados, distribuídos, classificados. Passam sempre por inúmeros descartes: por falta de espaço, porque não se lembra mais do seu significado, porque o papel traz lembranças dolorosas, enfim, não faltam razões para que caiam no esquecimento.

Mergulhar nos papéis 'ordinários/miúdos' guardados por pessoas comuns/anônimas, permite apreender saberes, crenças, valores e práticas os quais são considerados como partícipes de uma "*história da linguagem e da cultura escrita (...) uma história das diferentes práticas do escrito (...) capazes de gerar modos de pensar o mundo e construir realidades*"<sup>37</sup>. Esses papéis, contêm o acontecer de vidas comuns e, ao transcender a fragilidade do presente, materializam uma memória.

Tomar conhecimento, hoje, do teor dessas escritas e desses registros permite pensar nas diferentes formas acerca das quais se dá a constituição da subjetividade por meio dos modos pelos quais o sujeito narra sua vida. Indubitavelmente, os diários são *lócus* de subjetivação, no qual o indivíduo, ao narrar seu cotidiano, sua passagem pela vida no tempo histórico, explicita também uma configuração de si mesmo a partir das múltiplas tensões socioculturais que designam a contemporaneidade. Os diários íntimos são fontes importantes, potencialmente férteis e capazes de ajudar no esforço de compreender a construção da história de cada um, assim como das variadas redes de significação construídas na cultura da chamada contemporaneidade.

Documentos dessa espécie apontam para outras estratégias de visibilidade de uma época e permitem observar que, enquanto os arquivos públicos calavam, os privados, agora publicizados, podem fornecer informações e indícios sobre o cotidiano, sobre as formas de ver o mundo através de fatos comuns da experiência humana, de hábitos e costumes. Contêm, sim, coisas menores, mas o grande poder de lembrança que trazem permite afirmar que a escrita de diários, em sua dupla dimensão histórica e literária constitui-se importante instrumento para o conhecimento do capital de vivências de uma época na qual é possível encontrar fragmentos de relações sociais de um tempo que foram perenizados pela escrita e

que “devem ser pensadas como experiências coletivas, compartilhadas com as pessoas pertencentes a uma mesma geração e que a vida não é uma trajetória de coerência”<sup>38</sup>.

Ao guardar os cadernos, V. e L. arquivaram *mil nada*s sobre sua vida e também arquivaram a si próprias para leituras posteriores. Em um texto lapidar Philippe Artières chama a atenção para o fato de que o arquivamento do eu é feito em função de um futuro leitor e arremata:

“uma prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte”<sup>39</sup>.

Este arquivamento do eu liga-se, assim a uma construção de si que também guiou, mesmo que inconscientemente, os escritos de L. e V.. Ele está substantivado nas fotografias pessoais, nos bilhetes elogiosos de alunos que *recheiam* as páginas dos diários da professora V. e mais explicitamente nas confissões de L. e V. as quais, ao admitir as dificuldades da escrita e a vontade de que haja mesmo *um futuro leitor*:

*“Gostaria muito de escrever neste diário tudo que penso, tudo o que sinto, mas a gente nunca escreve tudo o que pensa, tudo o que sente. Por que será que só somos sinceros pensando? Porque será que a gente escrevendo nunca consegue ser verdadeira como a verdade?”*

*Sempre vem uma palavrinha de mentira, de fantasia, e no fim fica tudo falso”*

*(Diário de V. 02/08/1970)*

*“Mais uma vez, outro caderno chega ao fim. Já são quatro. Vou guardá-los para um dia dar para minha filha ler...”*

*(Diário de L. 14/03/1967)*

Esses papéis do passado, guardados em velhas caixas, requerem, para seu estudo, modos de aproximação de cunho etnográfico e, como escreve o historiador espanhol António Castillo Gómez,

“Não há dúvidas da importância que têm os arquivos que guardam a memória institucional ou do poder, habituais espaços do historiador, mas tampouco deve-se duvidar da utilidade que oferecem as escrituras das pessoas comuns. Através delas, abre-se a possibilidade de (re)conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido. Com elas, enfim, devolvemos uma certa visibilidade a muitos protagonistas anônimos do acontecer coletivo”.<sup>40</sup>

Através da fixação proporcionada pela escrita, a memória elaborada pelas jovens em seus diários transcendeu a fragilidade daquele presente e se inscreveu no tempo da história e do historiador que também ao analisá-las se inventou como sujeito de linguagem. Pela escrita, os acontecimentos e os dizeres narrados por V. e L. tornaram-se memória longa e viva, capaz de materializar-se em palavras e dar um corpo às lembranças – *escritas ordinárias* - que iluminaram práticas, hábitos e valores partilhados e construíram representações de uma época, mesmo considerando-se que, “*por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz*”.<sup>41</sup>.

Finalmente, essa gama de *documentos ordinários* por suas características peculiares aponta para a urgência de discutir uma política de formação de acervos/arquivos para salvaguarda e conservação desses materiais como uma tarefa das sociedades que se dizem democráticas e dos historiadores que assumem a responsabilidade social do seu ofício.

## Notas

---

\* Maria Teresa Santos Cunha é Professora Doutora do Programa de Pós- Graduação em História/ UDESC/SC – e-mail: [mariatsc@gmail.com](mailto:mariatsc@gmail.com)

<sup>1</sup> Neste trabalho, parto de doze (12) cadernos – Diários – escritos por duas mulheres, entre 1964 e 1974. Eles fazem parte de meu acervo pessoal, doados que foram por suas autoras com a condição única de não divulgar autoria (propriedade). Os diários serão identificados, doravante, como Diário de L. e Diário de V.

<sup>2</sup> CORBIN, Alain. Bastidores. IN: *História da Vida Privada*, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra/ sob a direção de Michelle Perrot. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 459.

<sup>3</sup> Sobre este tema ver o :CUNHA, M.T.S. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, BASTOS e CUNHA (Orgs). *Refúgios do Eu. Educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p.159-180

<sup>4</sup> Refiro-me ao “Diário de Carlos Lamarca” (ex-capitão do Exército e líder da guerrilha no Brasil), escrito entre 29 de junho e 16 de agosto de 1971, para sua companheira Iara Lavelberg. O Diário relata sua vida no interior da Bahia, comenta a política brasileira e internacional da época, fala das saudades e de seu amor por Iara. Partes do texto manuscrito foram publicadas alguns dias depois da morte de Lamarca, ocorrida em 17 de setembro de 1971. Um escrito íntimo, aparentemente ordinário que permite conhecer outras versões de acontecimentos. Para consultas, ver o texto na íntegra em : *Folhetim* nº 543, *Folha de São Paulo*: 10 de julho de 1987.

<sup>5</sup> As **escritas ordinárias** ou sem qualidades são aquelas realizadas pelas pessoas comuns e que se opõem aos escritos prestigiados, elaborados com vontade específica de ‘fazer uma obra’ para ser impressa. FABRE, Daniel . *Par écrit. Ethnologie des écritures quotidiennes*. Paris: Editions de la Maison des Sciences del’ Homme, 1993

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. Entrevista. História. Conversa com Roger Chartier por Isabel Lustosa. 2004. mimeo, p. 3.

<sup>7</sup> GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. RJ: Editora FGV, 2004, 3.

<sup>8</sup> DIDIER, Beatrice. In: CRETTON, M.da G. *Limites/Anais da ABRALIC*, 1992. v. II, p. 229.

<sup>9</sup> ALBERCA, Manuel. *Testimonios sobre el diario íntimo*. Madrid: Sendoa .2000, p. 15.

<sup>10</sup> Idem, p.12

- <sup>11</sup> Este fato é registrado por ALBERCA, Manuel. Tres calas em los diários de las adolescentes. IN: CASTILLO, António.(org). *La conquista del alfabeto.Escritura y clases populares*. Astúrias; Trea, 2002; por PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*..SP: v.9. n<sup>o</sup> 18, 1989. p. 9-18; por LEJEUNE, Philippe. *Le moi de demoiselles. Enquête sur le journal de jeune fille*. Paris: Seuil, 1993 e por HEYDEN-RYNSCH, Verena van der. *Écrire la vie. Trois siècles de journaux intimes féminins*. Paris: Gallimard,1998.
- <sup>12</sup> MUZART, Zahidé . Do navegar e de navegantes. IN: MIGNOT, BASTOS e CUNHA (org) *Refúgios do Eu. Educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis (SC): Mulheres, 2000.p.181-190.
- <sup>13</sup> <http://www.colba.net/~micheles>
- <sup>14</sup> FOUCAULT, Michel -. *O que é um autor*. 4<sup>a</sup> edição. Lisboa. Passagem, 2000, p. 144
- <sup>15</sup> COSTA, Marisa Vorraber (Org). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, 13–14
- <sup>16</sup> BORDIEU, Pierre. *A Ilusão biográfica*. IN; Usos & abusos da história oral./Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira,coordenadoras. –RJ: Editora da FGV,1996.
- <sup>17</sup> CHARTIER, op. cit, p. 3
- <sup>18</sup> MALUF, Marina. *Ruídos da memória*.São Paulo: Siciliano, 1995.
- <sup>19</sup> VIANA, Maria José Mota. *Do sótão à vitrine: Memória de mulheres*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.
- <sup>20</sup> LEJEUNE,Philippe. Op. Cit.
- <sup>21</sup> CHARTIER,Roger (Org). *La correspondance.Les usages de la lettre au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fayard,1991
- <sup>22</sup> FABRE, Daniel . op. cit.
- <sup>23</sup> HEYDEN-RYNSCH,Verena van der. Op.cit.
- <sup>24</sup> ALBERCA, M. Op. cit.
- <sup>25</sup> VIÑAO, António. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *TEIAS: Revista da Faculdade de Educação/UERJ*.- n.1, jun. 2000,.p.82-97.
- <sup>26</sup> ARFUCH. Leonor. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- <sup>27</sup> Idem, p. 110
- <sup>28</sup> Representação aqui entendida como ‘produção de sentidos através da linguagem’ muito utilizada por HALL, S. *A identidade cultural na pós – modernidade* RJ: DP&A. 1998. e CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1989, p. 17: “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras, pela linguagem, graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”.
- <sup>29</sup> FABRE, Daniel, op. cit.
- <sup>30</sup> CASTILO GÓMEZ, António. *Cultura escrita e clases subalternas: una mirada española*. Madrid: Sendoa, 2001, p. 33.
- <sup>31</sup> ORLANDI, L. Como pensar 68? In: *Folhetim/Folha de São Paulo*, n<sup>o</sup> 57, 6 maio. 1988.
- <sup>32</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. (org).*O biográfico: Perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul (RS) : EDUNISC, 2000, p. 67.
- <sup>33</sup> É importante esclarecer que as duas jovens não se conheciam, à época da escrita dos diários. Atualmente são professoras e mantêm vínculos de amizade.
- <sup>34</sup> QUOIST, Michel. *O diário de Ana Maria*. 4<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro. Livraria Agir Editora. 1966. Publicado no Brasil em 1963, recebeu aprovação da Igreja Católica. Era um livro considerado de formação para os (as) jovens.
- <sup>35</sup> Utilizo a palavra BAÚ como metáfora de lugar para se guardar coisas da vida, para aguardar a morte real ou simbólica.

- <sup>36</sup> Aqui considerados aqueles objetos “dotados de poder de lembrar os amores e as amizades; registros de anotações íntimas, fotografias particulares conservadas pela escrita” RANUN, Orest. Os refúgios da intimidade. IN: *História da Vida Privada*/vol.3. SP: Companhia das Letras, 1991. p. 215.
- <sup>37</sup> CASTILO GÓMEZ, António. *Un archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común*. Boletín ACAL (Asociación de Archiveros de Castilla y León. Nº 38/2000. p.9
- <sup>38</sup> CHARTIER, op. cit., 2004, p. 3
- <sup>39</sup> ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998, p. 32
- <sup>40</sup> CASTILO GÓMEZ, António, op. cit., p.11
- <sup>41</sup> FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas; uma arqueologia das ciências humanas*. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 25.